

IMUNIZAÇÃO NA PERIFERIA DO GLOBO: A CORRIDA PELA VACINA NA AMÉRICA DO SUL¹

Ian Rebouças Batista²

Marliene Ruth Guedes³

Além do enfrentamento à pandemia do COVID-19, o ano de 2020 também esteve marcado pela corrida para o desenvolvimento de uma vacina efetiva, que proporcionasse esperança de superação da crise de saúde pública global e decorrente retomada plena das atividades econômicas. No dia 8 de dezembro de 2020 a primeira dose de uma vacina aprovada por órgãos reguladores foi aplicada no Reino Unido, desenvolvida pelo laboratório farmacêutico estadunidense Pfizer e pela empresa de biotecnologia alemã BioNTech (Pfizer/BioNTech), dando início a um novo indicador de mensuração da capacidade dos governos em combater a pandemia: conseguir a vacina, iniciar o processo vacinação de sua população e ampliar o alcance dessa vacinação.

Durante a pandemia do COVID-19 os governos da América do Sul apresentaram desempenhos variados. Maus exemplos são encontrados nos números de mortes por milhão de habitante do Chile, Equador e Peru, por exemplo, enquanto o Uruguai se destacou por medidas governamentais adequadas a necessidade de distanciamento social, mantendo os números sob controle. O caso do Brasil se destaca ainda como o país onde governo federal e entidades subnacionais por vezes

1 Este texto é uma produção do grupo de iniciação científica COVID-RI, contemplado no Edital de Iniciação Científica 2020/2021 do Centro Universitário Estácio do Recife.

2 Professor de Relações Internacionais do Centro Universitário Estácio do Recife e Doutorando em Ciência Política na Universidade Federal de Pernambuco.

3 Graduanda em Relações Internacionais no Centro Universitário Estácio do Recife.

ofereceram orientações opostas, alcançado o posto de segundo país do mundo em número absoluto de mortes decorrente do vírus.

Cepik e Rodriguez (2020) analisam que a maneira com que a região⁴ enfrentou a pandemia é reflexo da posição na qual o continente está inserido no sistema internacional. Além dos desafios inerentes aos países, de desigualdade social e violência, a persistente dependência de tecnologia e de capital estrangeiro sujeita a região à condição de semiperiferia. Em 2020, se somaram a isso as crises políticas e de representatividade e as crises econômicas decorrentes do mais recente ciclo de preço das commodities, completando um contexto de reduzida capacidade de atuação. Os autores sugerem que muitos dos desafios estruturais impostos a região, e o enfrentamento da pandemia não é exceção, seriam mais bem encarados a partir de cooperação internacional, integração regional e complementariedade econômica.

A corrida pela vacina é ilustrativa do que falam os autores. Semiperiféricos, os países da região não foram capazes de desenvolver autonomamente suas próprias vacinas, ainda que países em desenvolvimento de outras partes do globo tenham tido essa capacidade – Rússia e Índia são exemplos. Além de infraestrutura prévia, alto investimento é necessário para pesquisas e testes, e em alguns casos opções políticas impediram que os recursos, ainda mais escassos em tempos de pandemia, fossem destinados para tanto, como o exemplo brasileiro demonstra. Ainda assim, os laboratórios brasileiros da Fundação Oswaldo Cruz e do Instituto Butantã são casos de destaque nesse sentido, mas que trabalharam em cooperação com outros laboratórios internacionais. Isso desde já reflete uma condição de dependência dos países sul-americanos em relação a laboratórios estrangeiros. As primeiras vacinas dos países da região não serão, em grande parte,

4 Os autores realizam análise para a América Latina e o Caribe, mas entendemos aqui que os apontamentos também valem para nossa discussão específica sobre a América do Sul.

produzidas, mas sim, compradas⁵. O que significa disputar com o resto do globo um espaço na fila dessa compra. E nessa disputa, a América Latina, como um todo, se insere como uma região de crescente irrelevância relativa frente a outras regiões do globo, como argumentam Schenoni e Malamud (2021). Os autores apontam que, considerando variáveis como demografia, capacidades nacionais, comércio e diplomacia, a América Latina tem reduzido sua relevância internacional no último século. Isso pode significar intensificação da condição de periferia.

O funcionamento do mercado da vacina da COVID-19 não se difere de qualquer outro mercado, regido pelas leis de oferta e da demanda. Soma-se a isso o fato de a indústria farmacêutica global estar marcada por grandes monopólios e conglomerados econômicos e financeiros. Isso coloca os países ricos em vantagem no acesso às vacinas, não só por serem sede de alguns dos principais laboratórios desenvolvedores, mas por possuírem maior capacidade de compra. Como uma maneira de garantir uma justiça social no acesso de países de baixa renda, foi criado o COVAX, iniciativa global para acesso igualitário a vacinação⁶, mediante um acordo de financiamento cooperativo. Todos os países da região fazem parte da iniciativa, e foi a Colômbia o primeiro país do hemisfério ocidental a receber doses pela iniciativa, 117 mil da Pfizer/BioNTech, em 1º de março (Torrado, 2021). O atraso na distribuição global, contudo, já gera comunicados da própria OMS que apontam para o risco de ineficiência no cumprimento dos prazos previstos para distribuição ao longo desse ano (Terra, 2021). Um das causas que podem levar a COVAX a fracassar é o nacionalismo da vacina, representado na fome individualista das nações

5 Argentina e México anunciaram em agosto de 2020 que almejam desenvolver capacidade de produzir até 250 milhões de doses da vacina Oxford/AstraZeneca. O mesmo vale para a produção no Brasil das vacinas Coronavac, no Instituto Butantã, e da mesma Oxford/AstraZeneca, na Fundação Oswaldo Cruz.

6 Desde abril de 2020, foi lançado a partir a Organização Mundial da Saúde e parceiros o *Access to COVID-19 Tools (ACT) Accelerator*, um esforço global de cooperação entre governos e entes privados voltados a pesquisa e desenvolvimento de testes, tratamentos e vacinas para a COVID-19. Além da OMS, também lidera a COVAX a Gavi e a *Coalition for Epidemic Preparedness Innovations* (CEPI).

ricas em adquirir doses para toda sua população antes que outros países sequer iniciem as suas vacinações⁷ (BOLLYCKY, BOWN, 2020).

Foi, portanto, individualmente que alguns países da região tiveram maior capacidade de adquirir as primeiras doses e iniciarem a imunização da população. A Tabela 1 apresenta quem saiu na frente na corrida pela vacinação, bem como a amplitude da vacinação que está sendo realizada em cada território⁸.

Tabela 1: Corrida pela vacina dos países da América do Sul

	Data de início	Amplitude dos grupos a serem vacinados	Dias depois da primeira da região	Dias depois da primeira do mundo	Vacina ⁹
Chile	24/12/2020	3	-	16	Pfizer/ BioNTech + Sinovac
Argentina	29/12/2020	2	5	21	Sputnik V + AstraZeneca + Sinopharm
Brasil	17/01/2021	3	23	39	Sinovac + AstraZeneca
Equador	21/01/2021	2	27	43	Pfizer/ BioNTech
Bolívia	29/01/2021	2	35	51	Sputnik V + Sinopharm
Peru	06/02/2021	1	43	64	Sinopharm
Colômbia ¹⁰	17/02/2021	1	54	70	Pfizer/ BioNTech
Venezuela	18/02/2021	1	55	71	Sputnik V
Paraguai	22/02/2021	1	59	75	Sputnik V

7 Bollycky e Brown (2020) citam o estudo de So e Woo (2020) que indica que “nações representando um sétimo da população do mundo já reservaram mais da metade de todas as ofertas de vacinas previstas” até 2022. (Tradução nossa).

8 Variável categórica ordinal, disponível em Hale et al. (2020), que indica disponibilidade para um (1), dois (2) ou três (3) desses grupos: profissionais da linha de frente ao combate; grupos clinicamente vulneráveis; idosos. Valores referentes para a data de fechamento deste texto, 4 de março de 2021.

9 Vacinas aprovadas para uso no país na data de fechamento do texto, 4 de março de 2021.

10 Não seguimos o apontado no banco de dados de Hale et al. (2020), por encontramos inconsistência com as informações oficiais.

Uruguai	01/03/2021	1	66	82	Sinovac
---------	------------	---	----	----	---------

Fonte: Elaboração dos autores com dados de Hale et al. (2020) e de Kiernan et al. (2021)

Maior PIB per capita da região, o Chile foi o primeiro país sul-americano a iniciar o processo de vacinação, em 24 de dezembro de 2020. Isso aconteceu devido às negociações realizadas com meses de antecedência por suas autoridades sanitárias, Ministério da Saúde e Ministério de Ciências, que, de modo planejado, elaboraram estratégias para se antecipar e conseguir acordos com os laboratórios produtores (Torres, 2021). O país andino já tem acordos com a Pfizer/BioNTech, Sinovac, AstraZeneca Johnson&Johnson, Sputnik V e Covax, almejando assim a quantidade de vacinas necessárias para imunizar praticamente toda a sua população. Além de ser o que mais compra, o Chile tem liderado a região em número de vacinados. O segundo país da região que iniciou seu plano de vacinação ainda no ano passado foi a Argentina, no dia 29 de dezembro. O governo argentino comprou doses da vacina russa Sputnik V, o que gerou críticas por opositores à época do início da vacinação, visto que os estudos de fase 3 dessa vacina ainda não tinham sido publicados – o que posteriormente aconteceu, sendo revelada uma eficácia de 92%. Além da compra, Argentina e Rússia negociam as capacidades de produção local da Sputnik V (Gestión, 2021), uma segunda produção local tentada pelo país platino, além da AstraZeneca. O ritmo da vacinação no país até aqui, contudo, é lento, tendo ido pouco além dos trabalhadores de linha de frente.

No Brasil, a primeira vacina, uma Sinovac, foi aplicada em 17 de janeiro, após embates políticos entre os governos estaduais e o governo federal, a tônica característica do embate à pandemia no país. As primeiras 6 milhões de doses foram produzidas pelo Instituto Butantã, que ainda depende da importação de insumo para ampliar o número de doses produzidas. Em seguida, uma remessa de 2 milhões de doses foi adquirida dos laboratórios indianos que produzem a AstraZeneca/Oxford. Chama a atenção ao caso brasileiro a recusa, por parte do governo, em negociar

doses da Pfizer/BioNTech ainda no ano passado. O episódio se soma ao histórico de negacionismo, principal crítica que é feita à atuação do governo Bolsonaro durante a pandemia (Cancian e Resende, 2021). O Brasil amplia os grupos vacinados segundo estratégias de governos municipais, mas para o país mais populoso da região, negociar mais doses deve ser a prioridade.

Alguns comentários cabem destaque sobre a vacinação no restante da região. Mesmo diante dos obstáculos estruturais da condição periférica, países de renda baixa e média tem conseguido adquirir suas primeiras doses negociando diretamente com laboratórios localizados no Sul global. Além das doses compradas da Sputnik V, o governo boliviano assinou um acordo com o governo chinês para aquisição de lotes de vacina da farmacêutica Sinopharm. Nesse acordo, a China se comprometeu em doar 100.000 doses e o governo boliviano comprará 400.000 doses (Lemos, 2021). No Peru, chama a atenção o escândalo do *Vacungate*, onde autoridades políticas e familiares furaram a fila, incluindo o último presidente deposto Martín Vizcarra (BBC, 2021a), fato ilustrativo de uma prática que se repete região afora. No início da vacinação na Venezuela, com 100 mil doses da Sputnik V, a prioridade foi dada, além de profissionais de saúde da linha de frente, a políticos chavistas (BBC, 2021b). O Paraguai iniciou sua vacinação no dia 22 de fevereiro, com 2 mil doses da Sputnik V, priorizando profissionais da saúde (Garelli, 2021), e o Uruguai foi o último país da região a receber a vacina, inicialmente administrando 140 mil doses da Sinovac para educadores, militares, policiais e bombeiros (DW, 2021).

Assim como durante todo o combate à pandemia, a ausência de uma coordenação regional em prol do acesso a vacinação é digna de nota. Ainda que Argentina e México estejam investindo em capacidade de produzir doses para distribuir na região, os organismos regionais se abstiveram de realizar discussões nesse sentido. Tanto o Mercosul, como a Aliança do Pacífico, ou até a CELAC, não elaboraram um plano de

aquisição e distribuição de vacinas para a região. Um contrafactual plausível é a contratação de 270 milhões de doses realizada pela União Africana, diretamente dos laboratórios da Pfizer e AstraZeneca (Reuters, 2021). A União Europeia também possui uma estratégia conjunta de desenvolvimento e compra de vacinas, onde se prioriza que a vacina chegue em todos, ao mesmo tempo e da mesma forma (Comissão Europeia, 2021).

Na largada da corrida pela vacinação da América do Sul, os governos apresentam desempenho variados, a depender de capacidade financeira para compra e senso de responsabilidade do enfrentamento à pandemia. A situação de periferia condiciona ainda essa corrida. Nessa parte do globo, o nacionalismo da vacina também se fez presente. Quem pôde adquirir suas doses diretamente com os laboratórios iniciou mais rapidamente seus planos de imunização. Na maior parte dos casos, adquirindo vacinas de laboratórios localizados fora do centro global, as vacinas chinesas, russas, indianas, uma vez que a distribuição da vacina da Pfizer/BioNTech, por exemplo, ainda se concentra em grande parte nos países do Norte global. O caminho para vacinar todas as populações da América do Sul é longo e ainda há espaço para a solidariedade fazer frente ao individualismo na aquisição e distribuição de mais doses. A maneira com que os governos da região enfrentaram a pandemia até aqui, contudo, não inspira expectativas nesse sentido.

Referências

BBC. (2021a). Coronavirus en Perú: el escándalo por las vacunas de covid-19 que forzó la renuncia de dos ministros y una investigación contra el expresidente Vizcarra. Disponível em: <https://www.bbc.com/mundo/noticias-america-latina-56072179>. Acesso em 15 de março de 2021.

BBC. (2021b). Vacuna contra el coronavirus: qué se sabe del inicio de la inmunización del covid-19 en Venezuela y por qué es polémica. Disponível em: <https://www.bbc.com/mundo/noticias-america-latina-56120882>. Acesso em 15 de março de 2021.

BOLLYCKY, Thomas J.; BOWN, Chad P. (2020). Vaccine nationalism will prolong the pandemic. *Foreign Affairs*. 29 de dezembro de 2020. Disponível em: <https://www.foreignaffairs.com/articles/world/2020-12-29/vaccine-nationalism-will-prolong-pandemic>. Acesso em 16 de fevereiro de 2021.

CANCIAN, Natália; RESENDE, Thiago. (2021). Reconhecimento de recusa de oferta da Pfizer amplia críticas à atuação de Bolsonaro na pandemia. *Folha de São Paulo*. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2021/01/reconhecimento-de-recusa-de-oferta-da-pfizer-amplia-criticas-a-atuacao-de-bolsonaro-na-pandemia.shtml>. Acesso em 15 de março de 2021.

CEPIK, Marco; RODRIGUEZ, Julio C. (2020). América Latina em tiempos de pandemia: desafíos estratégicos. *Pensamiento Propio*, 52, p. 83-107.

COMISSÃO EUROPEIA. (2021). Coronavirus vaccines strategy. Disponível em: https://ec.europa.eu/info/live-work-travel-eu/coronavirus-response/public-health/coronavirus-vaccines-strategy_en. Acesso em 15 de março do 2021.

DW. (2021). Uruguai inicia campanha de vacinação contra COVID-19. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/uruguai-inicia-campanha-de-vacina%C3%A7%C3%A3o-contra-covid-19/a-56739704>. Acesso em 15 de março de 2021.

GARELLI, Sanie L. (2021). Paraguay comenzo la vacunacion contra el COVID-19 con una severa advertência del ministro de salud. *CNN*. Disponível em: <https://cnnespanol.cnn.com/2021/02/22/paraguay-comenzo-la-vacunacion-contra-el-covid-19-con-una-severa-advertencia-del-ministro-de-salud/>. Acesso em 15 de março de 2021.

GESTIÓN. (2021). Rusia negocia con dos laboratórios para producir la Sputnik V en Argentina. Disponível em: <https://gestion.pe/mundo/rusia-negocia-con-dos-laboratorios-para-producir-la-sputnik-v-en-argentina-noticia/>. Acesso em 15 de março de 2021.

HALE, Thomas; WEBSTER, Sam; PETHERICK, Anna; PHILLIPS, Toby; KIRA, Beatriz. (2020). *Oxford COVID-19 Government Response Tracker*, Blavatnik School of Government.

KIERNAN, Samantha; SETHRY, Priyanka; SHANKS, Kailey. (2021). Vaccines Spheres of Influence Tracker. *Think Global Health*. Disponível em: <https://www.thinkglobalhealth.org/article/vaccine-spheres-influence-tracker>. Acesso em 27 de fevereiro de 2021.

LEMONS, Gerardo. (2021). Gobierno de Bolivia llega a acuerdo con Sinopharm para adquisicion de 500.000 vacunas contra COVID-19. *CNN*. Disponível em: <https://cnnespanol.cnn.com/2021/02/11/gobierno-de>

bolivia-llega-a-acuerdo-con-sinopharm-para-adquisicion-de-500-000-vacunas-contra-covid-19/; Acesso em 15 de março de 2021.

REUTERS. (2021). African Union secures 270 million COVID-19 vaccine doses from manufacturers. Disponível em: <https://www.reuters.com/article/uk-health-coronavirus-africa-idUSKBN29J00W>. Acesso em 15 de março de 2021.

SCHENONI, Luis; MALAMUD, Andrés. (2021). Sobre la creciente irrelevancia de América Latina. Tema Central, 291, Enero-Febrero. Disponível em: <https://nuso.org/articulo/sobre-la-creciente-irrelevancia-de-america-latina/>. Acesso em 27 de fevereiro de 2021.

SO, Anthony; WOO, Joshua. (2020). Reserving coronavirus disease 2019 vaccines for global access: cross sectional analysis. BMJ, 371. Disponível em: <https://www.bmj.com/content/371/bmj.m4750>. Acesso em 9 de março de 2021.

TERRA. (2021) Países ameaçam esquema de vacinas COVAX fazendo seus próprios acordos, diz OMS. Disponível em: <https://www.terra.com.br/noticias/mundo/paises-ameacam-esquema-de-vacinas-covax-fazendo-seus-proprios-acordos-diz-oms,476095d61fb7dffef90504a08e887cf3lnc4da8t.html>. Acesso em 15 de março de 2021.

TORRADO, Santiago. (2021). La iniciativa COVAX debuta en América Latina con 117.000 vacunas para Colombia. El País. Disponível em: <https://elpais.com/sociedad/2021-03-01/la-iniciativa-covax-debута-en-america-latina-con-117000-vacunas-para-colombia.html>. Acesso em 15 de março de 2021.

TORRES, Cristián. (2021). Como Chile logro la vacunacion mas masiva y eficiente de América Latina. Infobae. Disponível em: <https://www.infobae.com/america/america-latina/2021/02/12/como-chile-logro-la-vacunacion-mas-masiva-y-eficiente-de-america-latina/>. Acesso em 15 de março de 2021.